

como algo em nada melhor do que o sono. Pois, como o sono, a consciência afasta o homem da realidade.

Quando o homem consegue essa sensação de "realidade", ele sabe que nada no mundo seria tão importante quanto mantê-la. Tenta de todos os modos possíveis lembrar a si mesmo que não pode esquecer, que não deve parar a luta para conseguir a sensação de "realidade". E mais: em tal estado de intensidade, fica claro que essa realidade *pode* ser atingida. Ele agora vê, como algo por demais óbvio, que possui uma *vontade verdadeira* — a capacidade de se concentrar com clareza num objetivo, e de atingi-lo pela via mais simples. Mas nesse ponto ele desce para seu andar inferior e consegue apenas lembrar-se vagamente de que teve uma visão. O sono volta.

O problema principal é uma espécie de languidez, uma tendência a perder tempo e consciência, como alguém que num dia de chuva fica a olhar pela janela, bocejando, pensando no que fazer em seguida. Por outro lado, no momento em que Páris viu Helena-de Tróia, todo seu ser foi tomado por um objetivo. Lealdade, honra e gratidão a seu anfitrião — tudo perdeu importância no instante em que uma espécie de furacão lhe agitou a alma.

Ou seja, um objetivo (Helena de Tróia) desperta as enormes profundezas de vontade e energia.

A revelação, no sentido de "despertar a consciência", é que esse objetivo sempre existiu. Tudo o que o homem tem a fazer é *aprender a vê-lo*, e tudo o mais vem naturalmente. Sua verdadeira vontade desperta.

Voltando a Gurdjieff. Em suas viagens, fez a simples descoberta que já mencionamos: todo esforço incomum, todo novo começo tem esse efeito de agitar a mente e despertá-la. Normalmente, as pessoas estão sem contato com a "realidade", quase tão sem contato quanto durante o sono ou o sonho. Olham para uma árvore, mas não a vêem realmente, ou não crêem em sua existência. A mente está longe — como acontece quando ouvimos alguém falar e ao mesmo tempo pensamos em outro assunto. O resultado é uma espécie de efeito de dupla exposição na consciência, um certo anuviamento. Toda crise ou êxtase repentino faz com que as pessoas dediquem o dobro de esforço à percepção, e tudo que vêem se torna subitamente claro, dentro do foco, do mesmo modo que um simples ajuste no microscópio ou nos binóculos pode fazer as coisas aparecerem claras e nítidas.

Mas a vida, em grande parte, é uma rotina; um ritual, como diz Lionel Johnson. As pessoas não partem em viagens interessantes diariamente. Não podem contar com essas coisas para manterem a mente desperta. Não encontram uma Helena de Tróia por dia e, mais do que isso, a menos que se proponham a levar uma vida como a de Casanova, não podem contar com os "choques" agradáveis do desejo sexual para se manterem despertas.

Por vezes, a música ou a poesia são capazes de produzir esse efeito de despertar a mente para a realidade, produzindo uma ampliação de horizontes interiores, o *amplo sentido de realidade*. Mas isso também não funciona sempre.

Precisamos, por assim dizer, de um bom despertador.

A resposta a essa questão é mais simples do que se poderia imaginar. É apenas uma questão de fazer o "robô" se habituar a produzir quantidades de energia maiores do que o necessário.

Assim, o método básico de Gurdjieff consistia em "trabalho". A primeira coisa que acontecia a um novato em Prieuré era que o mandavam participar de um grupo de trabalho. Podia ser a abertura de uma estrada, a derrubada de árvores, a quebra de rochas, o desvio de um curso d'água ou o ordenamento de vacas. O anônimo autor do *Journal* de Gurdjieff viveu uma experiência comum a todas as pessoas. Ele "trabalhou" direito, mas com um certo ressentimento. Gurdjieff mandou que um de seus braços-direitos, o Dr. Stjoernval, explicasse que o estudante, para economizar energia, estava fracassando através do ressentimento. Tinha que trabalhar como um operário, não como uma máquina. Aconselhou-o a preparar uma lista de palavras estrangeiras e memorizá-las enquanto trabalhava, não descuidando de "sentir" o corpo e prestar atenção em suas atividades. No momento em que ele parou de trabalhar com uma disposição de espírito negativa, "afastada", e passou a "envolver" a si mesmo e à sua vontade no trabalho, começou a considerá-lo profundamente gratificante.

Esse aspecto da doutrina de Gurdjieff poderia denominar-se "taoísmo aplicado". Ele dava bastante ênfase à importância de se aprender a trabalhar, e disse a Ouspensky que um homem capaz de fazer um bom par de sapatos seria potencialmente um estudante melhor do que um intelectual que tivesse escrito uma dúzia de livros. Da mesma maneira, quando uma romancista disse a Gurdjieff que se sentia mais consciente quando escrevia, ele respondeu: "A sra. vive sonhando e escreve sobre seus sonhos. Faria muito mais bem à senhora esfregar conscientemente o assoalho do que escrever cem livros (...)" Vêm logo à lembrança os confrontos entre Confúcio e Lao-Tsé nas escrituras taoístas (Ver pág. 108).

O que Gurdjieff fez em seu instituto foi transformar pessoas entediadas, egoístas e confusas em máquinas bem equilibradas, ocupadas demais para pensar em si mesmas. Seus exercícios permitiam que as capacidades naturais dos alunos voltassem a funcionar. Ele falava dos três "centros" do homem — o intelectual, o emocional e o "do movimento" (ou físico) —, afirmando que cada um opera com sua própria energia. Quando uma pessoa trabalha sob pressão máxima, cada centro atua em harmonia com os outros dois. Quando a pessoa está em desequilíbrio, caso de tendência natural na civilização moderna, os centros operam de maneira assimétrica e em geral ficam exaustos.

Mas não é apenas o hábito da civilização que torna a maioria das pessoas assimétrica e desarmoniosa. Elas adquirem o hábito de se entregarem a emoções negativas, e estas por alguns momentos causam danos, assim como um incêndio provoca danos num edifício. Uma das características mais interessantes de Gurdjieff era sua visível libertação em relação a emoções negativas. O melhor exemplo desse seu aspecto é uma história contada por Seabrook. Na